

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

ANO VIII N° 84
EXEMPLAR GRATUITO

Christine Fernandes em...

Hedda Gabler

A mulher má de Ibsen
está no Espaço Sesc

Jornal do Teatro
Em Cartaz

Aline Moraes

Antônio Abujamra


Beatriz Kushnir

Chico Anysio

Jacqueline Laurence

João Falcão

Tássia Camargo



Imagine
um **espaço**
cênico, com
todo o acervo
do Teatro
de Arena,
onde você
poderá assistir
o melhor
da produção
artística das
comunidades
cariocas...

...aguarde!

Os bons tempos

“ Sou freqüentador de teatro desde o tempo das grandes companhias, quando Dulcina de Moraes e Odilon Azevedo, que nos anos 30 formaram a Companhia Dulcina – Odilon, ocupavam o *Teatro Regina*. Já Jayme Costa marcava presença no *Teatro Glória* e a Eva Todor ficava com a sua companhia no *Serrador*. Também havia a Alda Garrido no *Rival*, além das companhias do Procópio Ferreira, do Palmerim Silva... Todos os teatros, incluindo os de revista no *Carlos Gomes*, *João Caetano* e *Recreio*, ficavam lotados. Algumas peças atravessavam o ano com nove sessões por semana, pois atuavam de terça a domingo com vesperais às quintas, sábados e domingos.

Tudo lotado e todos os freqüentadores usando suas melhores roupas – as senhoras sempre de chapéu e vestido de festa.

Ainda consegui, em 1969, na inauguração do *Teatro da Lagoa*, fazer uma temporada de 15 meses, atuando de terça a domingo, com todas as sessões com cadeiras extras. No final de semana tinha as vesperais.

Hoje...

Que diferença!

Quatro ou cinco espetáculos por ano conseguem sobreviver por mais de cinco meses, e um ou dois continuam o ano todo. No palco, raramente vemos mais de cinco pessoas em cena, porque uma peça que tenha sete personagens tem de ser supersensacional para alguém se atrever a montar. Falta dinheiro, apesar de sobrarem firmas “colaboradoras” – e que são a salvação.

Tenho hoje uma peça (feita com o meu irmão) em cartaz no Teatro Ipanema. Quem vai, adora. O problema é conseguir ir, porque não há vagas para os carros. E é por causa disto que teatros fecham, como foi o caso do *Teatro da Praia*.

Que diferença dos velhos tempos! ”

Chico Anysio, junho de 2007



Voto popular

O voto do público será determinante na segunda edição do *Seleção Brasil em Cena – Concurso de Dramaturgia*. Realizado pelo Centro Cultural Banco do Brasil, o projeto, de âmbito nacional, busca dar espaço a novos dramaturgos, além de fomentar a literatura dramática. No segundo semestre, os doze textos finalistas terão leitura dramatizada no Teatro II do CCBB, quando a opinião da platéia vai fazer a diferença. Vale lembrar que as inscrições estão abertas até 28 de junho. Mais informações: www.bb.com.br/cultura.

Tecnologia e teatro

Internet, torpedos via celular e envio de imagens pelo computador já fazem parte do nosso cotidiano, mas sua participação numa peça teatral ainda era um feito inédito. Agora, essas novas mídias chegam à ribalta com a estréia de *Essencial*, no Oi Futuro. A chamada “revolução digital” entra em cena para ajudar a contar a história de um casal de atores que negocia a libertação da filha seqüestrada. A temporada, até 1º de julho, será transmitida, pela internet em tempo real.

Patrimônio imaterial

Prestes a completar um século de atividades, em 2008, a Escola de Teatro Martins Pena vai ter a sua trajetória registrada no livro *Uma linha de reticências...*, que pretende não só resgatar a memória da instituição e também valorizar a sua importância histórico-cultural. Amir Haddad, Ramon Mello e Gringo Cardia são alguns dos parceiros à frente do projeto, que no momento está em busca de depoimentos pessoais de quem frequentou a escola. Informações: www.martinspena100anos.com.

Local insólito

Depois de ter sido montada em diversos banheiros dos Estados Unidos, a peça *Downsize* acaba de aportar num lavabo carioca com o nome de *Pente Fino*. Em cartaz no WC masculino da Fundação Progresso, o espetáculo, com direção de Daniel Gaggini, é apresentado a apenas 20 pessoas por noite. As falcatruas do mundo corporativo dão o tom. Em cena, cinco homens fazem do toalete uma sala de reunião para tramar um ousado plano que pode resultar em promoção, demissão ou até prisão.

Beatriz Kushnir

História e ficção

É de extrema importância a participação de historiadores na seara das artes cênicas, na qual podemos difundir uma gama de pesquisas e informações atualizadas e também retirar os estudos de uma aura de 'claustro'. Além do que, produções televisivas ou cinematográficas extremamente caras em recursos e pobres em 'verdade histórica' passaram a chocar o público, fazendo-o reivindicar trabalhos mais bem cuidados.

A partir de outubro de 1997, ampliei minhas atividades profissionais e desenvolvi a assessoria histórica de *Somos Irmãs*, de Sandra Louzada, musical sobre Linda e Dircezinha Batista. A dimensão e a importância desta atividade me fizeram, no ano seguinte, instalar um escritório de consultoria histórica, permitindo-me integrar projetos como *South American Way*, de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa; *Olga, um breve futuro*, espetáculo de Luiz Fernando Lobo; e o musical *Império*, de Miguel Falabella e Josimar Carneiro, atualmente em cartaz no Teatro Carlos Gomes.



Kushnir é doutora em História Social do Trabalho pela Unicamp e diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

A preocupação, nesta atividade, é retirar dos textos fatos e uma linguagem assíncrona e auxiliar no figurino e na escolha das locações, além de compreender que aquele trabalho tem uma autoria. Será sempre do diretor a opção, ou não, por mesclar história e ficção. A mim cabe instrumentalizá-lo.

Lembrando o autor Pierre Bourdieu, no livro *A ilusão biográfica*, é importante que se perceba que "tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurda quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede."



O BAILE

Entre um compasso e outro, quarenta anos de história do Brasil

Por Simone Melamed



FOTOS: DALTON VALEIRO / DIVULGAÇÃO

Sentindo frio na alma, a dama convidou o cavalheiro para dançar. Com os rostos colados, deram início ao compasso: dois pra lá, dois pra cá. E enquanto rodopiavam, ela foi contando, ao pé do ouvido, detalhes do seu sonho teatral, até contagiar o parceiro e seduzi-lo a trilhar novos passos a seu lado. Quase três meses depois, a orquestra não precisa mais esperar. A partir do próximo dia 20, a atriz e produtora Tássia Camargo e o diretor José Possi Neto vão mostrar o resultado deste *pas de deux* artístico com a estréia, no Teatro Sesc Ginástico, do espetáculo *O baile*, o mesmo que deu origem, na década de oitenta, ao premiado filme homônimo de Ettore Scola.



>> Superprodução

“Sou fã do filme e sabia que ele tinha se baseado na peça do grupo *Théâtre du Campanhol*. Todo ator é um observador e este filme é uma aula para iluminadores, cenógrafos, figurinistas, sonoplastas... Sempre assisti para estudo meu, e acho que já vi mais de 80 vezes. Quando eu dava aulas de teatro na CAL, a gente fazia a montagem desta peça, mas era algo interno, que não ia para os teatros. E se eu fazia com os alunos, por que não fazer profissionalmente? Em 2001, fui para Paris e comprei os direitos da peça. Agora estou trabalhando com uma equipe de 60 pessoas e com o Possi, por quem sempre fui fascinada e que é um diretor incrível, com um humor gostoso, criativo e vivo”, derrete-se Tássia, que

faz questão de nomear cada integrante da montagem, enumerando as intermináveis qualidades de cada um.

E o time, realmente, é de primeira. As coreografias são assinadas por Carlinhos de Jesus, o figurino vem com o carimbo de Marília Carneiro, o cenário é de Hélio Eichbauer, a iluminação é por conta de Aurélio de Simoni, e quem responde pela dramaturgia é Valderéz Cardoso Gomes, que já acompanha a atriz há algum tempo. “A Valderéz sempre me diz que a gente deve ter dez vestidos dentro do armário, ter vários projetos. Se um não dá certo, você já tem outro na gaveta”, comenta Tássia, ressaltando o papel importante da amiga para que este sonho se transformasse em realidade. Uma realidade, aliás, com cara

de superprodução: são vinte atores em cena, mais de 180 figurinos e um quinteto musical que vai tocar quase noventa canções, de diferentes gêneros e nacionalidades, nos sete bailes que dividem a ação.

Aula de História

Tudo começa num imenso salão, onde estão reunidos representantes de várias classes sociais e econômicas, com seus comportamentos peculiares, seus vícios e suas paixões. E enquanto se movimentam e se relacionam pelo espaço, bailando ao sabor da música, eles vão retratando quatro décadas da história do Brasil, com os acontecimentos mais marcantes ocorridos desde a morte de Getúlio Vargas até a despedida de Tancredo Neves. Entre um e outro, não faltarão a Copa de 58, a inauguração de Brasília, os anos de ditadura e a luta pela volta da democracia, com o movimento *Diretas Já*.

“Para a minha surpresa, o diretor francês Jean-Claude Pinchenat exige que todas as montagens da peça retratem o país em que forem encenadas. A história é contada através de gestual, olhares, música e dança. É totalmente mudo, mas se entende tudo: as pessoas se reencontrando, a poesia, a solidão... Contar a história do nosso país é muito gratificante, além de colocar em pauta a poesia e o glamour de cada época. Espero que as pessoas voltem no tempo e entrem neste baile para dançar com a gente”, convida a produtora, que contracenava com nomes que há muito freqüentam as fichas técnicas dos bons musicais, como Cláudio Lins, Alice Borges, Cláudia Mauro e Beth Lamas.

Para ouvir e ensaiar

Com direção musical de Liliane Secco, a peça transita entre diferentes ritmos, que vão do rock americanizado e o *twist* até o brasileiroíssimo samba de gafeira, a bossa-nova, o tropicalismo e a MPB. Da imensa lista de canções do espetáculo, *Aplauso* antecipa os clássicos que fazem parte do baile final, para quem quiser ir ensaiando uns primeiros passos antes mesmo de chegar ao teatro. São elas: *Emoções* (Roberto Carlos e Erasmo Carlos), *Feelings* (Morris Albert), *Folhetim* (Chico Buarque), *Lindonéia* (Caetano Veloso), *Dois pra lá, dois pra cá* (Aldir Blanc e João Bosco), *Começaria tudo outra vez* (Gonzaguinha).





OS DEMÔNIOS

No Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil,
Deus e o diabo sob a ótica russa de Dostoievski

Impregnada de religiosidade, a peça *Os Demônios*, que acaba de estrear no Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil, tem como ponto de partida o *Evangelho de São Lucas*, lembrando o momento em que Jesus expulsa os demônios de uma pessoa e os espíritos vão se apossar de um bando de porcos. Não por acaso, o trecho bíblico possui uma íntima relação com o momento de profunda modificação social vivido na Rússia, na segunda metade do século 19. Um contexto que Dostoievski – autor da trama e um dos maiores gênios

da literatura mundial – conheceu muito bem, já que ficou sete anos preso, na Sibéria, acusado de atividades subversivas. E é justamente neste ponto da história que a ironia do destino aparece para dar o seu recado: segundo seus biógrafos, a maior parte do tempo em que esteve no cárcere, a única leitura do escritor foi a Bíblia.

Antonio Abujamra, co-diretor do espetáculo e adaptador do texto para o palco, reflete, no programa da peça, sobre a dimensão deste romance de “poética sombria e com pensamentos trágicos”. E lembra

do impacto causado pela escrita do autor russo. “E se Deus não existe, tudo é permitido. Com esta frase, Dostoievski mudou os pensamentos de muitos dentro do mundo. Católicos viraram protestantes, cresceu a violência para a obscenidade, a tristeza e a alegria deploraram as lamentações e todos que leram o trabalho ficaram tristes, trágicos, aflitos para captar a essência do frívolo, do amor, da vida”, filosofa.

Sempre atual

O uruguaio Hugo Rodas – que, mais uma vez, divide a direção de uma peça com Abujamra – também se mostra atento à “energia violenta” do texto de Dostoievski: “É quase como um grito, mas não quisemos criar um espetáculo histórico. Há a energia da palavra, sem resquício de romantismo. É um afresco claríssimo de uma época, do nascimento da burguesia, uma grande discussão religiosa sobre Deus – e isto faz um paralelo tremendo com a nossa época. Um momento perigosíssimo, em que vivemos, uma vez mais, em uma sociedade absolutamente laica.”

O romance é inspirado na tentativa fracassada de revolução liderada pelo jovem Nietzsche e pelo anarquista Bakunin, em 1869. A adaptação para o teatro se concentra em alguns personagens emblemáticos do mundo *dostoievskiano*, como o libertino Nicolas, o idealista Chatov e o inescrupuloso Verkovensky. Mas a montagem atual, segundo Rodas, se apóia principalmente no trabalho dos 21 atores, com quem o diretor já trabalhou em diferentes momentos em Brasília, cidade onde mora, em encenações despidas de adereços ou qualquer outra distração.

“Queremos valorizar o ator. O texto é atemporal, com alguma sugestão de época dada pelo figurino. Tudo é de uma atualidade insuportável, a coisa continua exatamente igual”, comenta Rodas, totalmente engajado e entusiasmado com a empreitada. “Voltei a ter uma militância que tinha perdido. Ah, que saudade do protesto, saudade do inconformismo. Vamos acabar com essa história de que se eu vivo bem, dane-se o mundo. Este texto me toca de um modo brutal”, enfatiza.

Entre o panfleto e a literatura

Professor de Teoria Literária da Universidade Federal Fluminense (UFF), o paraibano Paulo Bezerra ganhou o segundo lugar no prêmio *Jabutí*, de 2005, com a tradução feita para *Os Demônios*, de Dostoievski, lançado pela Editora 34. Com mais de 50 livros traduzidos do russo, Paulo explica que *Os Demônios* está relacionado com a preocupação do autor com o destino da esquerda russa entre 1860 e 1870, quando houve um processo de radicalização na intelectualidade russa, pois faltava ao movimento consistência filosófica e ideológica. “É um romance altamente complexo, porque tem um lado de panfleto, mas outro excepcionalmente estético, com uma narração de dentro dos fatos, mas sem entrar em julgamentos”, explica Bezerra, que estudou língua e literatura russa e teoria e prática de tradução na Universidade Lomonósov.

HEDDA GABLER

Personagem atormentada de Ibsen sobe ao palco do Espaço SESC

Por Simone Melamed

Hedda Gabler, criada em 1890 pelo norueguês Henrik Ibsen para a peça homônima, é a mulher má com que sonham dez entre dez atrizes com ambições teatrais. Agora chegou a vez de Christine Fernandes investir todo o seu talento para ser o invólucro desta personagem nascida das ambições da aristocracia européia do século dezenove.

“Tenho desejo de montar esta peça desde que a li pela primeira vez, pelas mãos do Moacir Góes, oito anos atrás. Há quatro anos estou empenhada na produção, debruçada sem descanso neste projeto. Esta peça exerceu fascínio imediato em mim. Hedda é uma anti-heroína, uma mulher que é muito diferente da Nora, do mesmo Ibsen, uma mulher sem esperanças, sem saída”, comenta a atriz e produtora da montagem, com estréia programada para 21 de junho, no Espaço SESC.

Há quem diga que Hedda Gabler – aprisionada em um casamento enfadonho com um intelectual e invejando os modos libertários de uma amiga recém-separada – seja um símbolo precoce da liberação feminina, que avançou o século vinte, queimou sutiãs em praça pública e conquistou direitos igualitários para a mulher. Mas a idéia imediata é que Hedda lembra um monstro sem pudores éticos, um papel tão denso que fez Dina Sfat declarar, ao fazer a personagem: “Hedda me dá dor no pescoço”.





>> Bipolar

E como será que Christine reage a esta espécie de possessão? “Ela abocanha mesmo o cangote e não há como fugir dela”, diz, entre risadas. “Hedda vai para todos os lugares comigo, para casa inclusive. Estou completamente abduzida por este projeto”. Aliás, ela e o marido, Floriano Peixoto, que juntamente com Michel Bercovitch dirige o espetáculo. “O Floriano acompanha este meu *tour de force* desde o primeiro desejo, isto cria ainda mais cumplicidade”.

A peça trata de um ambiente intelectual altamente competitivo, em uma sociedade ainda em desenvolvimento industrial. Mas, apesar do caminhar da História, esse tipo de “personalidade Hedda” não está absolutamente fora de moda. “A atualidade do texto talvez esteja na própria Hedda, que sem dúvida sofre de algum tipo de transtorno psíquico forte. Eu arriscaria dizer algo próximo do transtorno bipolar. Se a Hedda vivesse hoje, talvez alguma tarja preta a salvasse. Sua inteligência e sagacidade não seriam desperdiçadas prematuramente. Digo também que se a Hedda tivesse tido a chance de cruzar com um Cézanne, um Picasso ou qualquer outro grande artista, sua vida seria outra. Ela teria se tornado musa inspiradora e sua história teria sido, sem dúvida, muito mais instigante”, observa Christine, que dividirá o palco com Carlos Gregório e Vera Fajardo.

Cinema inspira montagem

Encenada inúmeras vezes em palcos brasileiros, a nova montagem de *Hedda Gabler* tem um toque audiovisual, com intenções de integrar cenário, música, iluminação e dramaturgia.

A proposta do cenário de Marcelo Lippiani é inspirada no filme *Dogville*, do diretor Lars Von Trier, no qual os objetos são dispostos nos ambientes e usados simultaneamente, num único espaço, sem a preocupação em se reproduzir, realisticamente, uma casa do século dezenove. Curiosamente, o próprio dinamarquês Von Trier demonstra ter influência das narrativas atormentadas do norueguês Ibsen. O figurino monocromático, de Marcelo Olinto, será realçado pela iluminação, a cargo de Aurélio de Simoni, contrastando luz e sombra, à maneira dos filmes *noir*. Com a soma das partes, o objetivo final é buscar a agilidade do suspense, bem ao estilo de Alfred Hitchcock, para pontuar a ação.





FOTOS: CHICO LIMA / DIVULGAÇÃO

As eruditas

Nova montagem de Molière traz
Jacqueline Laurence como Filomena

A língua afiada de Molière volta à cena, com a sua lente de aumento sobre a sociedade francesa antes da revolução.

As Eruditas – texto de 1672, que acaba de entrar em cartaz no Teatro Villa-Lobos – aposta, novamente, no humor consagrado do autor francês, desta vez sob o comando do diretor José Henrique Moreira. No centro da história está – *voilà!* – outra francesa: a atriz Jacqueline Laurence, com 40 anos de profissão, mas nenhuma vontade de se entediar. De vantagem, ela tem também dois prêmios *Molière* no currículo e um *Mambembe*. “Todo esse tempo de teatro já é uma coisa bastante violenta de carregar, então quero dizer que estou viva e apaixonada pelo que faço”, avisa com seu sotaque inconfundível.

Ela, que já dirigiu *Tartufo* e *O Doente Imaginário* – além de ter feito durante anos *O Avaro*, ao lado de Jorge Dória – parece encarar com casualidade a missão de encenar mais um clássico do autor do século 17. Jacqueline vê sua personagem Filomena com muita generosidade, mas sem abandonar o espírito crítico, divertindo-se com a maneira como o texto mostra a hipocrisia dessa mulher de fidalgo, disposta a tudo

para arrumar um bom casamento para as filhas, o que acaba rendendo uma sucessão de equívocos.

Precursora feminista

“Eu quero ressaltar a ‘ridiculice’ e a ingenuidade de suas pretensões intelectuais”, explica Jacqueline, já pronta para ver, também, um outro lado da questão. A atriz chama a atenção para o poder de concisão de Molière, lembrando que é preciso aprender a ler nas entrelinhas. “A Filomena é muito louca e de um mau gosto abominável, além de ser uma matrona das artes. Isto é dito e criticado em poucas linhas. Mas, ao mesmo tempo, ela defende ferrenhamente o direito da mulher a estudar, adiantando a questão da conquista dos direitos femininos”.

As Eruditas é o sexto espetáculo do autor francês a ser encenado pela *Cia Limite 151*. Jacqueline, como sempre, diz que está absolutamente à vontade: “Sempre gostei muito do trabalho da companhia e fui evidentemente me enfrasando cada vez mais e me interessando pelo trabalho”, diz, ressaltando que se diverte com as artimanhas do autor tanto quanto o público ou mais.



Rio, Logo Existo!

O diretor José Henrique Moreira, em viagem pela Europa, enviou especialmente para a Aplauso um depoimento sobre a sua montagem em cartaz nos palcos cariocas. “Molière é um objeto de desejo de qualquer diretor que se preze. Quando a obra em questão é uma de suas jóias máximas, como *As Eruditas*, a impressão que se tem é de que basta não atrapalhar muito para que o encantamento se realize. Nenhum autor, em nenhuma época, foi tão brilhante quanto o francês na composição de comédias. Somente em Molière as palavras se encaixam de um modo tão avassalador no fechamento simultâneo da fala, do verso, da rima e da piada. Servir ao texto, portanto, é obrigação que cumprimos extasiados de prazer: todos os truques já vieram “de fábrica”.

Igualmente saborosa, ou assustadora, é a constatação de que as aflições de Molière, há mais de trezentos anos, mostram-se atualizadas pelos nossos próprios vícios. As mulheres do título desta peça são consumidoras vorazes de algo bem semelhante à cultura fast-food tão em moda, que mistura, em celebrações intelecto-sociais, Schopenhauer, Drummond e capuccino. A missão que herdamos de Molière é transformar o defeito em riso, e *As Eruditas* muito bem encarnam essa tarefa. E nem é preciso dar o nome aos bois, porque os mugidos são evidentes e as gargalhadas implacáveis. Se existe alguma vantagem na criação de comédias, em relação aos outros gêneros do teatro, é a de não haver preocupação quando alguém está rindo de nós. O contrário é que é problema....”

NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBODIVULGAÇÃO

Renato Russo, a peça

“Já assisti ao *Renato Russo* três vezes! O Bruce Gomlevsky, um ator maravilhoso, está primoroso. A direção do Mauro Mendonça Filho dá um show de bola e o trabalho todo é intocável. É para chorar de saudades e levar muitos lenços. Certamente, verei de novo!”

Cláudia Rodrigues, atriz

O homem vivo

“Eu pouco conhecia as poesias do Brecht e adorei ouvi-las num espetáculo que não é só um recital. Achei a peça *O homem vivo* humana, comovente e engaçada. Além do que, é sempre um prazer ver a Camilla Amado e o Orã Figueiredo em cena. E tem também a música ao vivo, o que dá um sabor a mais!”

Sílvia Buarque, atriz



A alma imoral

“O texto é lindo e o trabalho de atriz da Clarice Niskier é desprendido e generoso. Ela diz coisas profundas de uma maneira simples e corriqueira. Aprendi muito com a peça.”

Fernanda Rodrigues, atriz

Antônio de Chica

“O Zé Britto é um dos grandes artistas brasileiros. Ele é talentosíssimo e já chegou com o pé na porta. Indico a peça que ele está dirigindo, *Antônio de Chica*, que tem a cara dele e uma assinatura muito forte. Todos os atores estão bem, vestidos de beatas que querem se casar, devotas de Santo Antonio. É divertidíssimo!”

Nelson Freitas, ator



A ALMA IMORAL

Adaptação do livro homônimo do rabino Nilton Bonder traz reflexões sobre o certo e o errado, a tradição e a traição. Texto: Nilton Bonder. Adaptação e interpretação: Clarice Niskier. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, sexta e domingo, R\$ 50. Sábado, R\$ 60.

ANTON & OLGA

A vida e a obra do dramaturgo Anton Tchekov ganham novos contornos a partir da correspondência amorosa entre ele e a esposa. Texto e direção: David Herman. Com Paulo Trajano e Marina Henriques. **Teatro Arena Caixa Cultural** (Av. Almirante Barroso, 25, Centro). Fone: 2544-4080. Quinta, 12h. Sexta a domingo, 19h30. R\$ 10.

ANTÔNIO DE CHICA

Comédia inspirada no cordel *Antônio, meu santo*, no qual cinco beatas solteironas recorrem, desesperadamente, a Santo Antônio para conseguir um casamento. Texto: Cláudia Souto. Direção: Zéu Britto. Com Ari Guimas, Marcos Nauer e Edmilson Barros, entre outros. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R\$ 25.

ARIANO

Homenagem ao escritor Ariano Suassuna, abordando trechos de sua vida e

alguns de seus personagens históricos. Texto e direção: Gustavo Paso e Astier Basílio. Direção: Gustavo Paso. Com Gustavo Falcão e Cia. **Teatral Epigenia Arte Contemporânea. Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10.

AS ERUDITAS

Mais de três séculos depois de sua primeira apresentação, o texto continua ágil e pertinente, com uma trama que esmiúça a crueldade e a hipocrisia nas relações humanas. Texto: Molière. Direção: José Henrique Moreira. Com Jacqueline Laurence, Gláucia Rodrigues e João Camargo, entre outros **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 30. Sexta a domingo, R\$ 40.

AVÓS, MULHERES E COUVES PORTUGUESAS

Livre adaptação da obra literária de Nãna Pirez, *Não se fazem mais avós como antigamente*, lembrando momentos pontuais da vida de uma imigrante portuguesa, dos anos 30 à década de 90. Adaptação: Joana Lebreiro e Marcelo Aouila. Direção: Joana Lebreiro. Com Suzana Saldanha, Rita Elmôr e Thais Vaz. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Terças e quartas, 20h30. R\$ 30.



COMÉDIA EM PÉ

Cláudio Torres Gonzaga, Fernando Caruso, Fábio Porchat e Paulo Carvalho apostam no gênero *stand up comedy* para falar sobre o cotidiano nosso de cada dia, sob uma ótica mais do que bem humorada. **UCI Cinemas do New York City Center** (Av. das Américas, 5000 – Barra da Tijuca). Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 22. **Espaço Rogério Cardoso / Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quarta, 21h. R\$ 20.

CORA CORALINA CORAÇÃO ENCARNADO

Espectáculo teatral criado a partir da obra poética de Cora Coralina, levando o universo da escritora goiana para os palcos. Pesquisa e roteiro: Renata Roriz. Direção: Orã Figueiredo. Com Rita Elmor, Renata Roriz e Rafaela Amado. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta e sábado, 19h. Domingo, 18h. R\$ 20.

CORAÇÕES ENCAIXOTADOS

Questões cruciais da vida pessoal e profissional de Dulce vêm à tona, no dia da sua mudança de casa. Texto: Bosco Brasil. Direção: Ricardo Kosovski. Com Maria Clara Gueiros e Aloísio de Abreu, entre outros. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Quinta a domingo, 19h30. Quinta, sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 50.

DRAMA – O INCRÍVEL DIÁLOGO ENTRE KRISHNA E ARJUNA

Espectáculo poético e divertido, inspirado num dos clássicos da literatura filosófica e espiritual: o texto hindu Bhagavad Gita, escrito entre cinco e três mil anos A.C.. Texto e direção: João Falcão. Com Alinne Moraes e Osvaldo Mil. **Espaço SESC / Mezanino** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta e domingo, 20h. Sexta e sábado, 21h30. R\$ 12. A partir 14/06. Nos dias 21 e 22/06 não haverá espetáculo. Sessões extras em 23/06, 19h e 21h30, e 24/06, 17h e 20h.

ESSENCIAL

Novas mídias e ferramentas tecnológicas estão a serviço desta peça, na qual um casal de atores negocia, entre a cena e a coxia, a libertação da filha seqüestrada. Texto e direção: Demetrio Nicolau. Com Nara Keiserman, Samir Murad e Clarisse Zarvos, entre outros. **Oi Futuro** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-3060. Terça a domingo, 19h30. R\$ 10.

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

Versão brasileira do premiado musical da Broadway, que conta a história verídica do travesti Charlotte, que atravessou o nazismo e o comunismo na Alemanha. Texto: Dough Wright. Direção: Herson Capri e Susana Garcia. Com Edwin Luisi. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, sexta e sábado, 21h.

Domingo, 20h. Quinta, R\$ 50. Sexta, R\$ 60. Sábado e domingo, R\$ 70.

HEDDA GABLER

Considerada a última grande peça experimental realista do dramaturgo norueguês, o texto alça a mulher, pela primeira vez, ao papel de sujeito. Texto: Henrik Ibsen. Direção: Michel Bercovitch e Floriano Peixoto. Com Christine Fernandes, Carlos Gregório e Vera Fajardo, entre outros. **Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R\$ 12. A partir 21/06.

IMPÉRIO

Comédia musical relembra um período da história brasileira, de uma forma que nunca foi contada nas escolas. Texto e direção: Miguel Falabella. Direção musical: Josimar Carneiro. Com Miguel Falabella, Stella Miranda e Claudia Netto, entre outros. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes s/n). Fone: 2232-8701. Quinta e sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 10.

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Sozinha em cena, a personagem Dona Herminia sintetiza, com muito humor, a alma das mulheres de meia idade, apovantadas e sozinhas, cuja maior preocupação é procurar o que fazer. Texto e interpretação: Paulo Gustavo. Direção: João Fonseca. **Teatro Leblon / Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone:

2294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 35. Sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 50.

NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

As amarguras conjugais de uma mulher contemporânea são narradas com muito humor e vivacidade. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 40. Sexta e domingo, R\$ 45. Sábado, R\$ 50.

O AUTOFALANTE

Um homem desempregado sofre uma crise de comunicação com o mundo e passa a falar sozinho, com sua personalidade repartindo-se em milhares dele mesmo. Texto, direção e atuação: Pedro Cardoso. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 40. Sexta e domingo, R\$ 45. Sábado, R\$ 50.

O BAILE

Peça que deu origem ao filme homônimo de Ettore Scola faz um apanhado de quatro décadas da história do Brasil, através da música e da dança. Criação: Jean-Claude Penchenat. Dramaturgia brasileira: Valderéz Cardoso Gomes. Direção: José Possi Neto. Com Tássia Camargo, Cláudio Lins,



Cláudia Mauro e Alice Borges, entre outros. **Teatro SESC Ginástico** (Rua Graça Aranha 187, Centro). Fone: 2279-4027. Quinta a domingo, 19h. R\$25. A partir 20/06.

O HOMEM VIVO

A encenação se utiliza de dois personagens andarilhos de uma peça de Brecht, que conversam e refletem sobre a vida através de poemas do autor, menos conhecidos do que sua obra dramática. Voz e piano ao vivo. Texto: Bertolt Brecht. Direção: Delson Antunes. Com Camilla Amado e Orã Figueiredo. **Teatro do Leblon / Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 19h. Domingo, 18h. R\$ 50.

OS DEMÔNIOS

Com 21 atores em cena, a montagem é uma versão integral, inédita, do famoso romance do escritor russo. Texto: Fiodor Dostoievski. Direção: Antonio Abujamra e Hugo Rodas. Com Abaeté Queiroz, Carmem Moretzsohn, Rodrigo Fischer e William Lopes, entre outros. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro II** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. Sessão extra, sábado, às 16h. R\$ 10.

OS SEGREDOS DE ALMERINDA

Comédia em que uma emergente, com perfil psicológico atípico, faz revelações bombásticas durante uma sessão de análise. Texto e interpretação: André D’Lucca. Direção e super-

visão de texto: Heloísa Perissé e Ingrid Guimarães. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 25.

PENTE FINO

O mundo corporativo é colocado em xeque, a partir do encontro de cinco homens, que traçam planos mirabolantes numa reunião dentro de um banheiro. Texto: Christopher Welzenbach. Direção: Daniel Gaggini. Com Daniel Gaggini, Rafael Primo, Thiago Luciano e Munir Kanaan. **WC Masculino da Fundação Progresso** (Rua dos Arcos, 24, Lapa). Fone: 2220-5070 Sexta e sábado, 21h. R\$ 20.

RASGA CORAÇÃO

A partir da vida do personagem Manguary Pistolão, a peça faz uma retrospectiva do cenário político nacional, da década de 30 até os anos 70. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Dudu Sandroni. Com Zé Carlos Machado, Xando Graça e Pedro Rocha, entre outros. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632 – Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R\$ 20. Sábado e domingo, R\$ 25.

RENATO RUSSO, A PEÇA

Dez anos depois de deixar órfã um legião de fãs, Renato Russo recebe este tributo, onde sua vida e obra são lembrados, num monólogo acompanhado por uma banda de rock ao vivo. Texto:



Bruce Gomlevsky e Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Mauro Mendonça Filho. Com Bruce Gomlevsky. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h30. Quinta, R\$ 40. Sexta, R\$ 45. Sábado e domingo, R\$ 50.

SALADA

Dividida em 5 “pratos”, a comédia é temperada com ingredientes que vão do teatro do absurdo ao besteirol, passando pelo musical e o *stand up comedy*. Texto: Luis Salem e Lícia Manzo. Direção: Ernesto Picollo. Com Alexandra Richter e Luis Salem. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 25.

SASSARICANDO

Cerca de cem marchinhas de carnaval ajudam a formar um painel de como era a vida no Rio antigo, com os costumes e comportamentos da época. Concepção, pesquisa e roteiro: Rosa Maria Araújo e Sérgio Cabral. Direção: Cláudio Botelho. Com Eduardo Dussek e Soraya Ravenle, entre outros. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/no., Centro). Fone: 2221-1223. Quinta, 12h30. Sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. Quinta e sexta, R\$ 40. Sábado e domingo, R\$ 50.

SCABRUNSKA

Inspirada em contos de fadas, a peça

brinca com seus signos de uma maneira cômica e explícita, a partir de temas como a rivalidade fraterna e o complexo de Édipo, entre outros. Direção: Luiz Furlanetto. Com a Companhia Tragicômica de Teatro (CITTART). **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563-4163. 19h30. R\$ 20. A partir 20/06.

SURTO

Esquetes cômicos que retratam a loucura do cotidiano. Texto, concepção e atuação: Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes, Wendell Bendelack (*Os Surtados*) e Renato Bavier. Direção: Cláudio Handrey e Os *Surtados*. **Sala Vermelha / Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R\$ 40. Sábado e domingo, R\$ 45.

UM BARCO PARA O SONHO

A peça fala sobre a possibilidade do amor em qualquer idade, a partir do relacionamento entre uma artista de circo e um médico, que têm os destinos cruzados muito tempo depois de já terem casado, tido filhos e sofrido perdas irreparáveis. Texto: Alexei Arbutov. Direção: Carlos Artur Thiré. Com Tônia Carrero e Mauro Mendonça. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544.2533. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R\$ 80. A partir 28/06.

A peça termina, as cortinas se fecham, mas o programa continua

Cláudia E.

Hambúrguer no P.J.

Estive de férias em Nova York e assim contarei um pouco do que comi por lá...

Ao viajar para a Big Apple, você não pode deixar de ir num dos lugares mais tradicionais e característicos da cidade: o **P.J. CLARKE'S (915, Third Ave. x 55th St.)**, conhecido por ter o melhor hambúrguer de NYC – e a fama é merecida. As cervejas são todas as possíveis e tem umas tirinhas de cebola de comer rezando. O coquetel de camarão é bem feito, idem a Caesar Salad.

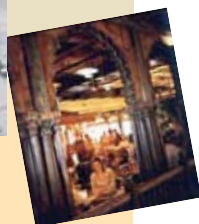
O lugar é um *saloon* de 1884 com uma freqüência descolada de americanos que sabem o que é bom...



Camarão no Soho

Quando você estiver andando pelo Soho e se deslumbrando com todas aquelas lojas maravilhosas, galerias de arte imperdíveis e gente de todas as tribos circulando em perfeita sintonia, irá em algum momento sentir fome – e aí é hora de entrar no **HOTEL MERCER (99, Prince St.)**. Além de supercharmoso, tem um restaurante muito bom, onde você pode comer rápido, mas com muita qualidade. Peça o coquetel de camarão: vem num prato retangular de vidro com gelo e cumbuquinhas com molhos especiais – e os camarões ficam no meio para que você faça seu próprio coquetel... um charme! No capítulo sobremesa,

não deixe de pedir a torta de limão... e volte caminhando para o hotel...



Drink no Pastis

Não deixe de ir ao **MEATPACKING DISTRICT**, cada vez com mais novidades. Tome um drinque no **PASTIS (9 Ninth Ave. – Little W. 12th St.)**, onde você encontrará modelos, socialites, celebridades...

Depois vá jantar no **SPICE MARKET (403W 13th.St. – 9th Ave.)**, que tem uma cozinha com toques orientais comandada pelo chef Vongeri-chten, que também assina o cardápio do seu restaurante “Georges”. Mas esse é um outro capítulo...

DHARAMA



FOTOS: GUILHERME MATA / DIVULGAÇÃO

Aline Moraes e Oswaldo Mil apostam na mistura entre o sagrado e o profano

Por Simone Melamed

Vida terrena versus espiritualidade. Baseado neste conflito, o diretor e dramaturgo João Falcão decidiu traduzir, para a linguagem cênica, um dos maiores clássicos da filosofia oriental: o *Bhagavad Gita*, o mais famoso capítulo do épico indiano *Mahabhárata*. *Dhrama, O Incrível Diálogo entre Krishna e Arjuna* é uma adaptação livre do famoso episódio do *Gita* e busca um olhar moderno e pouco convencional para o célebre episódio entre o mestre Krishna – considerado, por muitos, a encarnação de Deus – e seu discípulo Arjuna.

A montagem – que estréia dia 14 de junho no Mezanino do Espaço Sesc e, a partir de 1º de julho, se muda para a sala Tônia Carrero, do Teatro do Leblon – trará como Krishna a bela Aline Moraes, famosa pelas novelas da Rede Globo, mas ainda uma debutante no mundo do teatro. Para encarnar o discípulo Arjuna, João Falcão convocou outro nome que começa a se destacar na telinha: Oswaldo Mil, que recentemente interpretou o violento capanga Raimundão na minissérie *Amazônia*.

Música ao vivo

Mas como resgatar esses nomes de sua exposição televisiva para um texto repleto de simbologia espiritual? João Falcão encara com tranqüilidade a ousadia: “Eu já tinha trabalhado com a Aline, no filme *Fica Comigo Esta Noite*, e com o Oswaldo na versão para o cinema de *A Máquina*. Depois de vários testes com outros atores, preferi esta dupla. Krishna é um jovem sábio e tem uma imagem muito delicada, tem uma beleza especial. E eu acho bonito ser feito por uma mulher”.

A idéia de levar o texto da antiga Índia para os palcos surgiu a partir das aulas de ioga que João Falcão faz com o filósofo e estudioso da literatura hindu Luiz Estellita Lins. A narrativa mostra, basicamente, a hesitação de Arjuna, um dos cinco príncipes Pândavas, diante da possibilidade de eliminar parentes e amigos que compõem o exército inimigo dos Kurus. E para dar uma aliviada no quesito ‘realidade’ do conflito, Falcão vai contar com uma banda que comporá a trilha sonora ao vivo. “O *Gita* é mais mitologia do que religião. E eu quis dar uma dimensão intimista, em um espaço com idéia de amplidão, pouco realista”, conta o diretor.

Romance em cena

“Krishna é tudo! Ele é muito maior do que ser masculino ou feminino. E essa estréia é um *mix* de ansiedade, felicidade e medo. Ele diz vá, encontre seu templo. E eu estou tentando isso, procurando ser sensível para receber”, diz Aline, que não tem religião mas é simpática às filosofias orientais, como o budismo. Já Oswaldo Mil sente o contraste entre a sua educação cristã e as falas de Krishna:

“Enquanto Jesus dizia para dar a outra face, Krishna convence Arjuna a guerrear, questionando conceitos como a culpa”.

E já que a culpa entrou em questão, é bom avisar que, dependendo do andamento da montagem, João Falcão pode até insinuar um romance entre Krishna e Arjuna, apostando numa amálgama entre o sagrado e o profano. Sem culpas, que fique bem claro!

O Mahabhárata

Bhagavad Gita é o 63º capítulo do *Mahabhárata*, um poema épico indiano com aproximadamente cem mil estrofes, que surgiu por volta do século oito A.C. Com uma origem pouco esclarecida até hoje, uma das versões é a de que o texto teria sido ditado em sânscrito, antiga língua clássica indiana, por Krishna–Dwaipayana Vyasa. O livro narra a conflituosa história da sucessão do rei Bhárata – e sua importância para as religiões orientais é comparável à bíblia cristã.

Em português, uma das traduções mais atraentes do *Bhagavad Gita* é a do maestro Rogério Duarte. *Bhagavad Gita – Canção do Divino Mestre*, lançado pela Companhia das Letras, inclui um CD no qual compositores brasileiros transformam alguns trechos em canções. *Gita*, aliás, é também o trecho da música interpretada por Raul Seixas, nos anos 70, com letra do escritor Paulo Coelho, inspirada nos famosos versos sagrados indianos.





FOTO: CLEONIR TAVARES / DIVULGAÇÃO

Avós, mulheres e couves portuguesas

No palco, a biografia autorizada de uma imigrante portuguesa...

Por Simone Melamed

Nos últimos tempos, a diretora Joana Lebreiro andou flertando com Mne-mosine – deusa da memória, segundo a mitologia grega, e mãe das nove musas inspiradoras das artes – para levar aos palcos as histórias de Antonio Maria e Mário Lago. Depois de mergulhar na biografia dos dois célebres, a parceria com a guardiã grega da memória recai, agora, sobre as lembranças de uma imigrante portuguesa: uma mulher comum, ainda viva e sem ligações com a fama, que poderia ser, na verdade, qualquer um de nós. Livremente inspirada no livro *Não se fazem mais avós como antigamente*, que Nana Pirez escreveu para deixar como legado para as netas, a peça *Avós, mulheres e couves portuguesas* chega ao Teatro Clara Nunes com Suzana Saldanha, Rita Elmôr e Thais Vaz dividindo a cena.

“Quando me formei em Direção Teatral, meu texto final foi sobre memória. Depois, fiz mestrado em Memória Social e também um trabalho com depoimentos de velhos moradores de Copacabana. Gente como a gente. Desde então, eu queria colocar em cena a história de uma pessoa que poderia ser qualquer uma, mostrando que todas as vidas são interessantes e universais, e que você pode se identificar com elas e recuperar a sua própria história”, diz Joana, uma legítima bisneta de portuguesas.

Conflitos internos

Numa mistura de linguagem narrativa com linguagem dramática, o espetáculo

acompanha alguns capítulos da vida de Nana, que chega ao Brasil com 14 anos e começa a estruturar a sua identidade neste novo País. Da educação repressora na infância ao papel submisso no casamento, passando pelo contato com o movimento hippie, a revolução sexual e as experiências durante a ditadura, as lembranças, dos anos 30 à década de 90, vão se sobrepondo, com direito a questionamentos e debates calorosos entre a personagem e seus desdobramentos imaginários, representantes de diferentes fases de sua vida.

“Como o livro não tem grandes conflitos e também não é uma autobiografia, no sentido clássico, em vez de fazer um monólogo com uma mulher contando sobre a sua vida resolvemos mostrá-la em três idades que dialogam entre si. A mais velha quer lembrar: ela é a mais real e a que escreveu o livro. As outras são as memórias. Uma mais menina e, a outra, mulher. Conversamos muito com a Nana e ela comentou que brigava muito com ela mesma e que achava isto engraçado. Então, pensamos: as idades podem brigar entre si. Por exemplo, a Nana ficou muitos anos pensando em se separar. Ela contou que foi a ‘menina’ dela quem cobrou e fomos transformando isto em cenas”, relembra a diretora, que já está agendando um novo encontro com Mne-mosine para, juntamente com a sua companhia *Núcleo Informal de Teatro*, transpor em breve a vida de Ari Barroso para os palcos.

CENA ABERTA

cena aberta



Maria Pompeu e
Angelo Labanca em
"O Balcão", 1970

*Sem o apoio
de vocês, não
voaríamos
tão longe...*



*O Galpão Aplauso
agradece!*



Coleção os últimos 8 anos de teatro



Assine Aplauso!



Assinatura
semestral

R\$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2233-6648 e 2263-1372 ou
e-mail: danielbuquerque@aplauso.art.br



Coleção completa de Aplauso por R\$ 240!

www.apluso.art.br